

QUINTA-FEIRA
Lisboa--29 de Março-1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura



Sempre
fixe

6-Aven. Ex. mo Sr
Kot-ff

semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

O melhor lapis do "Sempre Fixe,"



Traça em quatro traços o desenho mais trabalhoso!



Os ditos da semana



Dannunzio no Index Pio XI atirou a obra de D'Annunzio para o Index. Alheio á formidável beleza que rescende dos seus livros, o papa, lançou um anátema ao poeta máximo da Italia, na actualidade.

O papa excomungou simultaneamente o *Fogo* e o *S. Sebastião*, *La Nave* e os *Laude*, como se Gabrielle D'Annunzio não tivesse produzido uma obra eminentemente perfeita e eminentemente religiosa.

Parece que Pio XI viu melhor o que ha de pagão em D'Annunzio, do que o que ele encerra de místico e até de essencialmente católico, exactamente como quando a gente olha para uma multidão numa praia de banhos, divisa melhor as mulheres semi-nuas, do que os latagões e as matronas vestidas até às orelhas.

Se D'Annunzio, além de ser uma grande figura da Italia—poeta e heroi—não fosse um católico praticante, talvez o papa o não tivesse arvorado agora em poeta, heroi e martir, até que um dia, algum dos seus sucessores, o proclame poeta, heroi, martir e santo.

Tudo se faz, com o tempo, dentro das doutrinas da Igreja.

Do que não ha duvida é de que nunca o heroi de Fiume, o grande poeta de *La Nave*, tinha conseguido tão retumbante reclame. O Index vale bem por uma parede inteira forrada de cartazes berrantes.

D'Annunzio ha de ser cada vez mais lido, mais querido e mais glorificado, *index* que o papa diga que não.

A lua em camisa Na America está sendo construido um telescópio gigantesco com que os astrónomos do Novo Mundo se propõem devassar a casa da lua, como nós podemos devassar o quarto de dormir da nossa vizinha defronte, com um binóculo prismático.

O *Sempre Fixe* não acha decente o procedimento dos americanos. Por muito menos um amigo nosso teve de se vêr a contas com o dr. João Eloi, e custou-lhe a brincadeira cerca de um conto de réis.

Não está certo que se entre assim com um canudo daquêles em casa de uma senhora virgem, que, apesar de requestada pelo sol, ainda não se deixou vencer d'amo-

res, continuando a jogar as escondidas com o astro do dia. Além disso, a lua anda descuidada no ceu a *banhar-se toda nua*, como se diz na cantiga, muito convencida de que ninguém a vê, tal qual como certas meninas das nossas praias, quando entram nas barracas de lona, que apenas são teoricamente fechadas, e estão todas cheias de frestas. a meter água na boca de quem passa por ali perto. A lua não sonha sequer com o atentado que se prepara contra o seu pudor, e não ha o direito de entrar na casa de cada qual com um telescópio que é uma perfeita gazua da moral e dos bons costumes.

Com o gigantesco telescópio já se pensa em lhe estudar as manchas, os montes, e até as florestas virgens onde a mão do homem nunca pôz o pé, mas onde agora quere pôr o olho.

E se a lua estiver em camisa, no cantinho do ceu em

que costuma fazer o seu *bou-doir*, vêr-se-ha surpreendida ao notar que estão a olhar para ela com uns olhos de telescópio mal-morto.

O *Sempre Fixe* está convencido de que o governo americano fará recomendações especiais aos seus sábios para que não olhem para a lua, pelo menos, quando ela estiver no quarto... crescente.

Chás de caridade Quando a gente se se comove com a desgraça alheia, só tem uma coisa a fazer—tomar chá.

Noutros tempos, antes das saias de via reduzida e do cabelo á *garçonne*, dava-se uma esmola, discretamente, com a mão direita, de modo que a não visse a esquerda. O chá, preto ou verde, estava reservado para as dôres de barriga e para as senhoras que sofriam de flato.

Agora tudo mudou. Quan-

do na nossa frente surge um faminto, a gente passa adiante, entra apressadamente num café, num restaurante, e toma uma chavena de chá. Lá de fóra, atravez vidros das montanhas, o desgraçado espreita e, quando se sorve a ultima gotada, ele lambe os beiços de contente, erguendo aos ceus, mentalmente, uma oração de agradecimento e uma prece de voto para que o chá nos não vá perturbar a digestão.

Para socorrer os asilos, os hospitais, as creches, as escolas, para fazer a caridade por atacado, inventou-se coisa melhor—o chá de caridade, o chá colectivo, publicamente anunciado e reclamado, o chá que se toma com *charleston* e *shimmy*, o chá alegre, o chá ruidoso, para que a fome dos desgraçados não possa fazer ouvir os seus gemidos e os seus lamentos. Foi uma grande inovação. Efectivamente não se compreendia que uma chicara de chá, modestamente tomada por uma pessoa só, pudesse matar a fome a uma creche inteira. Não. Contam-se as crianças, contam-se os famintos e convidam-se tantos convivas quantos forem os infelizes. As almas bem formadas, não se esquecem de coisa alguma!

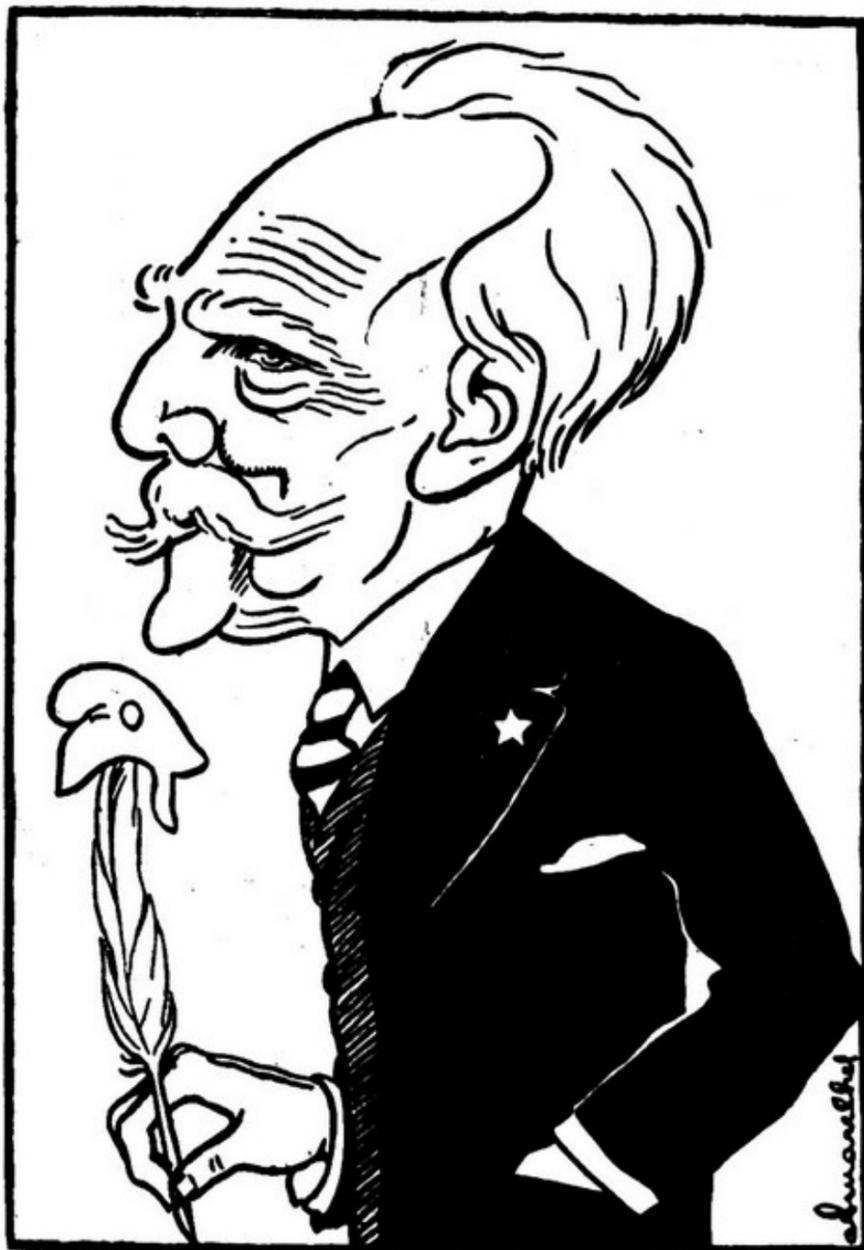
Uma sociedade elegante a beber um chá de caridade, para matar a fome aos asilados que estão a uma legua de distancia, é uma descoberta digna do nosso seculo. Tem caracter. E' o que se pode chamar um chá sem fios. A gente bebe o na «Garrett» e ele lá vai, direitinho e pressuroso, tapar aquele buraco, aquela ansia da barriga dos famintos.

Este é o segredo dos grandes corações!

Caras tapadas Chegou a Primavera. O *Borda d'Agua*, pelo menos, marcou nos seus programas a chegada da patifa, mas ela veiu de cara tapada, embuçada numa capa de nevoa, com um veu que lhe vela o brilho dos olhos e as rosas das faces. E' uma Primavera envergonhada.

Emfim, a Primavera não cumpre os seus deveres. Devendo dar sol e dar flores, só dá chuva e bolór. Ao contrario do sr. Carlos Pereira, da Companhia das Aguas, que devia dar agua e dá flôres de retorica, a Primavera que devia dar flôres dá agua a pótes.

Magalhães Lima



Uma popularidade maior do que a população

UMA EPIDEMIA

"A febre-movel"

Hoje em dia, o ideal de toda a gente é ter automovel. Ter automovel, quer dizer ter um carro de quatro rodas e uma sobresselente, com alguns cavalos e um *Burrinho* para sorver a gazolina e o dinheiro das algibeiras do proprietário. Tem automovel, quer dizer que se possuem varios amigos que não gostam de andar a pé; quer dizer que não se aveza vintem, embora pareça exactamente o contrario.

O automobilismo é uma doença, uma furia, uma loucura que atacou o geneo humano que não poudo por mais tempo suportar a ideia de ter só dois pés... E' mesmo muito vulgar encontrar-se um sujeito com mais de duas *limousines*, e a afinidade entre os homens e os automoveis é tão grande que ha muitos cavaleiros que passaram por *sport* á categoria de *cabriolets*... Esta transformação é tambem muitas vezes uma questão de conveniencia e é considerada nos grandes meios o mais banal dos acontecimentos.

Todos nós idealizámos uma *carrosserie* com aquela comodidade absolutamente *biscauté* que caracteriza os ultimos modelos, uma *carrosserie* espaçosa e bem estofada, inc'utido casa de banho com agua quente e fria, cosinha a electricidade e um quarto de cama sistema *maple*, com telefone e almofadas no chão.

Um automovel nestas condições dispensa o pesadissimo encargo de pagar ao senhorio a renda da casa, com a vantagem de se montar onde melhor nos aprouver, sem visinhança nem meninas que toquem piano ou cães que ladrem na escada; sem «Aleluia» por cima nem «Média-luz» por baixo.

O seculo XX é um seculo de velocidades maximas em pista e o automovel, portanto, uma epidemia de força...

A doença é grave e podem mesmo constatar-se alguns casos mortais, que costumam levar as vitimas, em *prise* directa, direitinhas para o major. Ha outros casos em que o mal se revela menos intensamente, sem que, no entanto, se deixem de ver as estrelas que, observadas assim comodamente num automovel, produzem por vezes efeitos de luz surpreendentes na região occipital... de S. José...

Esta enfermidade costuma atacar de preferencia os menores de dezoto anos, os militares graduados e os policias sinaleiros, que falecem quasi sempre no seu posto luminoso, com o pausinho na mão e a lamparina acesa.

O primeiro sintoma deste terrivel flagelo é uma atracção irresistivel para todos os moveis. O doente entra em casa e começa por vender o primeiro movel que encontra, a fim de comprar o auto, a que se costuma seguir um ataque de loucura furiosa com 40 HP. pelo menos e uma violenta febre de marcas... reputadas e premiadas em varias exposições.

Venho aconselhar-vos um remedio eficaz contra esta doença terrivel, a que os sabios chamaram *Febre Movel* e que no parecer dos quimicos, segundo as ultimas analises, é provocada por um microbio mais conhecido pelo nome de *gazolina*...

A cura de que vos falei consiste apenas nuns pequenos passeios de carrinhos de mão, um ou dois carrinhos de linha J. P. C. antes das refeições, três figas aos automoveis encarnados, e para os de outras cores é bom gritar pelo lagarto verde e dar três pancadas numa caixa de correio...

Como v. ex.^{ta} veem, é facil e não tem dieta.

Sete e Melo.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estefania)

CURIOSIDADES

Dois assuntos num pé só

Animalejos e mulheres que fumam

Eis uma triste verdade: ha homens piores do que crocodilos e que vivem menos do que eles. Apesar da grande invenção das glandulas dos macacos, o crocodilo dura, nada mais, nada menos, do que 250 anos! O homem, claro está, quando chega aos 40, faz *capicua*... e a putrefacção não se relaxa em aparecer. Calcule o leitor se, num tempo destes, em que se morre de fome, o ser humano tivesse o dom de viver dois seculos, quanta asneira, quanta doidece ele não faria por esta terra, a todos os titulos desgraçada!

Mas, a proposito e por curiosidade, passo a dizer-vos a duração da vida de alguns animais.

Atraz do crocodilo, seguem:—o elefante com 200 anos, a carpa com 150 e a aguia com 100. Safa! Em Portugal, justo é dizer-se, ha *aguias* que *voam* tão alto, tão alto como Ribeiro da Fonseca no seu *Caudron*, mas que não chegam a viver uma triste bôda de oiro... Todavia, atendendo-se a que a gamela da D. Política dá sempre uma *excelente* bôda, as *aguias*, muito naturalmente, á *sucapa*, vão debicando no *ouro*... e não se veem ás aranhas!

Agora, por aranhas; segundo reza a historia, juntaram-se sete alfaifes para matar uma, quando, afinal de contas, a pobre teedeira apenas tem a duração de 7 anitos. Donde resulta que o interessante insecto, que adivinha sol e escudos, teria que dar um dos *anos* a cada mestre de *côrte*... que tem de vida—oh tesoura!—pelo menos, 34, 34 e meio bem puxadinhos.

Mas, como para o *côrte* já abunda gente de mais, julgaria oportuno decretar-se uma lei em cujos artigos fosse aplicada a pena capital

de 5 anos de vida aos homens que nos deixam traçar a fazenda na ermida de Nossa Senhora dos Emprestitos!

Vejamos, nesta altura, a vida que tem os brutos: o touro, salvo seja, vive, como o abutre, a insignificancia de 30 anos; o burro, 25 a 30; o porco 20 e o veado—coitadinho!—30. Ora, porquanto isto seja mal comparado, os touros, os veados, os burros e os abutres estão facilmente em relação ao homem, isto no que diz respeito á vida bem vivida de cada cidadão pacifico. E, assim, não é para estranhar que as glandulas de macaco não produzam o efeito que o alquimista desejará...

Já lá vai o centenario do Tabaco. Segundo as estatísticas, foram as mulheres que levaram a palma aos fumadores do mundo inteiro. Acho bem. Desde que o belo sexo já tem *fauteuils* nas camaras, não é para estranhar que elas aspirem o delicioso tabaquinho. Vá lá! Enquanto nos não derem para o *tabaco* ainda a coisa vai bem; porém, não ha de tardar o dia em que o homem tenha de cair publicamente de joelhos ante a mulher iluminada pela luz afrodisiaca da Inteligencia.

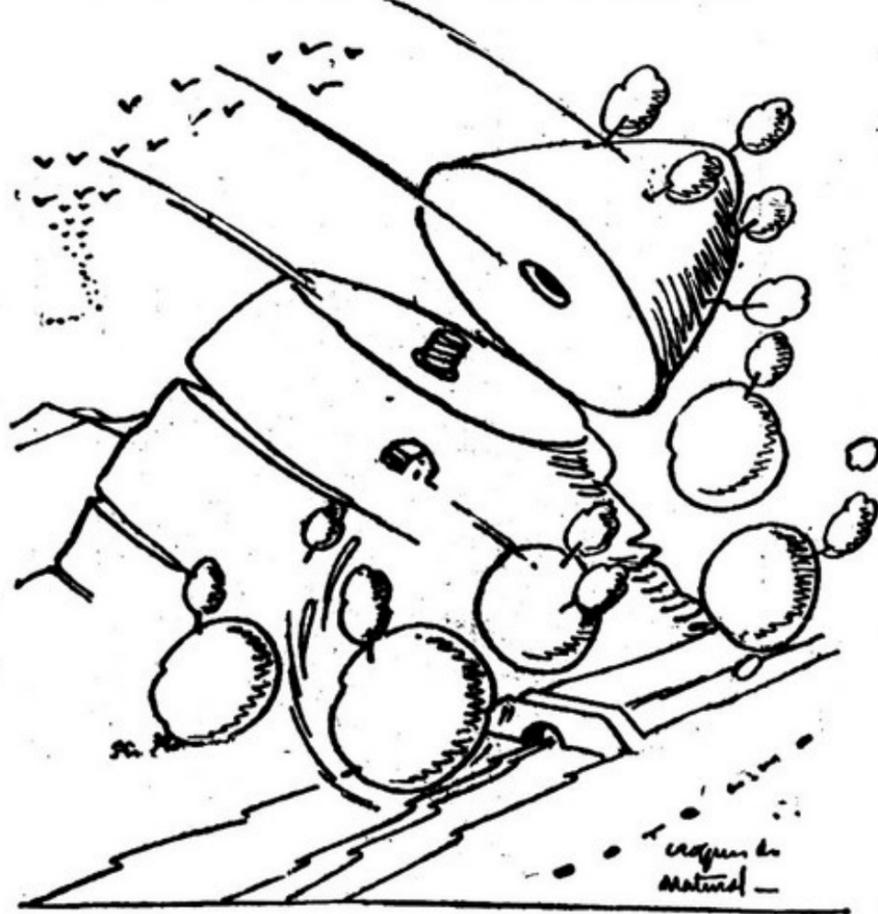
A seguir ás mulheres, proclamou o circunspecto *Diario de Noticias* quem mais chupou cigarros: foram os soldados e os operarios.

Não acham que é uma *chupadeira* muito grande do fabricante inglês que organizou a curiosa estatística dos fumadores?

Eu, pela minha parte, vejo *fumo* de mais na bôca das mulheres!

Ivinho.

O DESANTRANCÃO



Assim se prova que a nossa terra anda desparafusada...

A PRIMEIRA COLHIDA

Por ser absolutamente veridico o caso que vamos descrever, omitimos propositadamente o nome do seu protagonista. Estamos porém certos de que alguns leitores do *Fixe* o descobrirão.

Vamos, pois, á historia:

Após muitas e variadas visitas ás diferentes capelinhas que os devotos de Baccho preferem, por entre o labirinto da capital, o nosso heroi aproximou-se do Teatro Nacional e quedou-se a admirar a grandiosidade do local. Sentia correr-lhe nas veias, escaudante e impetuoso, o sangue dos grandes *azes* do toureiro. Sentiu-se sucessivamente Belmonte, Maera e Gaona. Pareceu-lhe o Rossio uma praça de touros monumental e, apurado e hirtu como Luciano Moreira á porta duma ourivesaria da rua do Ouro, ofereceu a sorte a D. Pedro IV!

Claro é que a sua atitude semi-bélica começou produzindo natural escandalo, que mais se avolumou quando o improvisado toureiro começou, com a gabardine què trazia no braço, a fazer alguns elegantes *apasses* em frente dos transeuntes. Poderão V. Ex.^{ta} supôr que, nessa altura, o expedidor da Carris mandou prender o homem pelo fabrico clandestino de passes, mas não sucedeu tal.

Estava uma noite linda,—uma das mais lindas do verão passado. Como, porém, não estava anunciada corrida nocturna no Rossio, e como ninguém estava disposto a fazer o papel de touro nem a brincar, começaram os inevitaveis conflitos e o nosso heroi, a quem o entusiasmo da «corrida» mais fizera chegar o alcool ao «alambique», foi conduzido a um posto policial por um guarda que, pelo visto, não era aficionado. Levado á presença do chefe ou de quem o substitua, o policia captor captou desde logo a atenção do chefe, explicando com muita eloquencia:

—Este cavalheiro andava na via publica a tourear cada um!...

Medindo de alto a baixo o preso, o chefe inquiriu:

—Como se chama?

E o nosso homem, imperturbavel, respondeu:

—... D. Antonio Cañero!

Irritado, o chefe tornou a interrogar:

—Não brinque! Diga o seu nome!

E mais uma vez o preso respondeu sem pestanejar:

—Ya le he dicho! Soy D. Antonio Cañero!

Levada ao cumulo a paciencia do chefe e após mais algumas tentativas para identificar o preso, que resultaram infrutíferas como as primeiras, o chefe perdeu a cabeça (em sentido figurado, é claro...) e assentou-lhe uma bofetada em cada face, intimando, colérico:

—Diga o seu nome!

Não se podendo aguentar pela violencia das bofetadas e pelo estado alcoolico em que se encontrava, o pseudo *diestro* caiu desastradamente no chão. E ao levantar-se, limpando cuidadosamente o fato, exclamou altivamente:

—Es la primera vez que soy cogido!...

Anibal Nazaré.



—Tu já viste gente mais estupida? Tomar banho por prazer?!

Isso era dantes!

O sr. Pissoa, de Pelotas, era um destes animais cuja especie zoológica ainda não está bem definida. Chamavam-lhe «besta», outros «animal»; mas a verdade é que ninguém tinha a certeza do que ele era.

Atribuíam-lhe varias graças e até se diz que, ao vêr um escarrador, o Pissoa dissera um dia:

— Tirem-me isto daqui, senão... estupo-lhe dentro!

Quando o Pissoa nasceu, de pronto se verificou que ele era burro. Todavia, uns anos mais tarde, mercê duns esforços do padre da terra, o Pissoa lá conseguiu aprender a ler e fizeram-o marçano duma mercearia. E de tal maneira o rapaz se portava que não havia nos arredores quem, como ele, roubasse tanto no peso. Decorreram os tempos e depois duma viagem á Africa, o Pissoa, porque o governo estadual — cansado dos erros dos homens — resolvera experimentar os burros, entrou num concurso para fiscal dos impostos estaduais.

Claro que foi nomeado e vemos então o nosso homem a dar ordens:

— Se o senhor protesta, mando instaurar-lhe um processo indisciplinar! — dizia ele um dia a um seu subordinado subordinado.

E doutra vez, falando duma grande Companhia:

— Aquilo é uma grande fabrica montanca, e se o dono não fosse um malicioso, já teria tido occasião para mandar fazer um palacio com um grande almirante em cima. Não me importava nada de ser o delgado da Companhia. E, se o fosse, mandava colocar lá no escritorio um cliché para atender a freguesia.

Passaram-se anos e o senhor Pissoa, já colocado noutro lugar, passou a faltar constantemente ao serviço, e, quando comparecia, cabaceava sobre a secretaria e tão escandalosamente que varias vezes foi chamado á pedra por isso.

Um dia, o chefe interrogou-o sobre os motivos daquela preguiça. Então o nosso homem contou ao chefe esta historia, passada na Patagônia:

«—Havia lá na terra um unico bode, e tão trabalhador, tão trabalhador, que nunca abandonava as cabras. As autoridades resolveram, por isso, comprá-lo. O certo é que o bode, que até então era um trabalhador incançavel, passou a não fazer nada e a emburrar solenemente com as fêmeas. As autoridades, como é obvio, indignaram-se e uma comissão, procurando o animal, interrogou-o:

«—Então, sr. bode, V. Ex.^a deixou-nos ficar muito mal colocado. Diga-nos com franqueza, tratam-no mal?»

«—Não, senhor. Pelo contrario, — Come pior?»

«—Não, senhor. Pelo contrario: mais e melhor.

«—Mas V. Ex.^a, sr. bode, que é uma boa pessoa, dantes trabalhava. E agora...»

«Resposta pronta do bode:

«— Isso era dantes! Isso era dantes! Agora sou funcionario publico!»



—Doutor, tenho um medo horrível de que me enterrarem vivo.
—Não se preocupe. Sendo medico não há quem o enterrasse.

Amôr e Gloria

(Autobiografia dum futurista encravado)

(Continuado do n.º 94)

No entanto, os castigos eram, para mim, estímulos para o trabalho. A paixão das letras absorvia-me a existencia. Puzera de banda a quimica de Aquiles Machado, a Historia Universal e o Tito Livio. As raposas tornavam-se frequentes e nunca mais tive licença para ir á aldeia.

Lia o *Só* e o *Noivado do Sepulcro*. Mais tarde, entrei em relações com Ponson du Terrail e no *Rocambote* encontrei o meu Waterloo.

Desde então, tive um ideal apenas: fugir do collegio. Imaginava planos de fuga cheios de engenho, mas ficava sempre tramado.

Uma vez, quiz adormecer o prefeito, o padre Ilidio Marreco, um jesuita muito embirrento, que tinha um nariz do tamanho da torre Eiffel. Deitei-lhe um narcotico no charuto; o reverendo porém descobriu tudo logo ás primeiras fumaças. Apanhei duas dúzias de palmatoadas e meteram-me no *segredo*, «por querer invadir as atribuições de Morfeu»...

Cortei as relações com Ponson du Terrail e passei a ler *Eça*, *Ramalho* e *Abel Botelho*.

Mas quando me pilharam a folhear a *Reliquia*, abriram-me a cabeça com uma moça e deixaram-me a cara cheia de escariações. Obrigaram-me a cumprir tarefas literarias tão indigestas que iam dando comigo doído.

E seria com certeza vitima duma *surmenage* se o meu avô, ou melhor, a minha boa Gloria não me levassem a passar as férias grandes á minha aldeola.

Mas eu tornara-me diferente. A paixão da literatura avassalava todas as outras. Já não gostava da caça, não corria pelos campos, não trepava aos montes e castigava os

petizes que encontrava encarrapitados nos troncos das arvores, a roubar ninhos de passarinhos, na volta da escola.

Tornara-me austero como um monge e levava os dias e as noites a escrever versos. Meu avô batia-me, desesperava-se, e eu ficava a scismar na dôr dos incompreendidos, dos Prometheus do Pensamento.

Um dia, estava eu escrevendo uns alexandrinos sobre a «Ultima corrida de touros em Salvaterra», quando o meu avô me deu tal tarefa que tive a impressão de que aquela era tambem a minha ultima corrida no campo da literatura.

Nunca mais escrevi poesias deante de meu avô. Julguei que morria e fiquei com um grande azar aos touros. Felizmente não morri...

Quem faleceu, daí a dois meses, foi ele — o pobre avô! — deixando-me com a educação incompleta, livre dos jesuitas e com uma lagrima hipocrita ao canto dos olhos.

Agora podia cantar o Universo inteiro em redondilha ou verso heroico, sem medo do velhote!

Que felicidade!

Só hoje, passados tantos anos, ao recordar-me daquela mulher ideal que vi no S. Luís, é que compreendo a razão que assistia ao velho, que, legando-me pouco mais que o patrimonio da honra, queria cortar-me cerce o vicio de poetar, o maldito sestro que havia quiçá de tornar-me celebre, mas sem duvida desgraçado como Petrarcha, Dante, Tasso, Miguel Angelo, Camões, Camilo Castelo Branco e tantos outros que a fatalidade perseguiu na imagem duma mulher.

Pobre avósinho, que Deus lhe fale na alma!

(Continúa).

Geraldo Sem-Mêdo.

Benemeritos...

«Embarcaram com destino á Africa 278 degredados.»

(Dos jornais).



— Se não fossemos nós, o que seriam as colonias?! ...

DA GERAL...

Madame Cécil Sorel, que tem a sua vaidade — porque a francesa não esquece que a mulher não envelheça e tem sempre mocidade — quiz mostrar-se num papel de moça, que aparentava Uns dezoito anos, talvez. Quando Cécil já andava aí p'los cincoenta e três... Logo um critico mordaz Foi p'ra o jornal e escreveu: «Cecil Sorel tem talento Ninguém lh'o nega; nem eu — Mas, contudo, que me diga: Se está velha, porque faz Um papel de rapariga?» A Sorel, é bem de vêr, Teve um desgosto profundo Zangou-se, porque a francesa Tem tal graça, tal beleza, que é mulher a mais mulher que a gente encontra no mundo!

Sempre que ela aparecia a fazer qualquer papel que pedia mocidade, logo o distincto confradé que, p'lo visto, «tinha telha» fingindo amigo, dizia quasi momento a momento: Cécil Sorel tem talento... Mas, coitada! Já está velha!... Ora succedeu que, apesar duma «primeiras» o tal homem do jornal não apareceu na sua cadeira... nem sequer p'ra dizer mal...

Uns quinze dias passados Alguem que o caso notou — que estes casos são notados — Encontrando-o, perguntou: —Então, você, desta vez Não chamou velha á Sorel? Pois olhe: fez um papel com tanta falta de gosto que o merecia, talvez... E o critico respondeu: —Não fale nela, coitada! Eu respeito o seu desgosto... Ela é tanto desgraçada... —Mas então que succedeu? —Pois quê?! Não sabe o vizinho que á Cécil Sorel morreu um filho que estremeçia?! —Confesso que não sabia... Mas qual deles, afinal? —O mais moço, o mais novinho...Esse que era general!

Pois isto, veio á razão, —quer acreditem, quer não— De se vêr, constantemente, Da maneira a mais diversa, — E o caso muitos intriga — Muita velha sorridente a fazer de rapariga e vice-versa!

Só me falta agora vêr Numa peça, que decerto O Lino, que é tipo esperto, Já tem pensado escrever, Só me falta agora vêr— Dizia—representar Lá para o ano, o mais tardar (Não me fugiu a esperanza Dos meus olhos verem isso) —O Prata, de Sancho Pança, Mestre Chaby—de Magriçol

Luis Figueira.



—Oiga lá, sr. guarda: o sr. viu para aí uma senhora com um embrulho?

Proverbios da nossa terra

Quem espera por sapatos de desfalço, toda a vida anda defunto.

Em casa de espeto, ferreiro de pau.

Depois da casa trancada, ladrões à porta.

Quem quer vai; quem não quer não se rala.

Depois de rabo morto, cevada ao burro.

Nem tudo que é ouro é luz.

Lingua de burro não aprendem velhos.

Cão embalsamado, não ladra nem morde.

A palavras mógicas, orelhas loucas.

Quem se afoga, não nada.

A pobre não prometas; a rico... fica a dever.

Quem mal canta, espanta.



—Então que acham? E o meu pai que me oferecia quinhentas libras se renunciasse à pintura.

—E que fez você com o dinheiro.



—Decididamente tenho que me deixar de beber. Sinto a cabeça como uma pedra.

UM SONHO DESFEITO

O «azar» da D. Elvira

—A minha tia vai ver o que é ganhar dinheiro!

E a D. Elvira, modista de chapéus sem taboleta — mas com muito gosto e levando muito em conta, tomara finalmente uma resolução.

Morava em Alcantara ha uns bons vinte anos e, agora, dominada por completo pelo sonho dourado de ir morar para as «Avenidas Novas», trespassara a casa onde habitava, recebera cinco contos e abalara, em companhia dos trastes e da D. Conceição, sua tia, para um terceiro andar da Avenida Miguel Bombarda, com varanda corrida, dez divisões e electricidade.

A renda da casa, ao principio, tiralhe o sono, mas, ao fim de profundas cogitações, chegou á conclusão de que, com o aluguer de quasi toda a casa e com o suor do seu corpo, a vida havia de se aguentar...

E assim foi. Os hospedes vieram; mas D. Elvira tinha trinta anos, era morena, ou antes, trigueira, celibataria, desprendida das tentações do sexo fraco, e os seus nervos, permanentemente excitados, geravam zangas, desavenças e, por isso, os hospedes não paravam lá em casa. Entravam uns, saíam outros, mas o inferno era sempre o mesmo.

Ora, tendo ido ultimamente ocupar uma das partes da casa — a da frente — uma familia nova, ao fim de certo tempo e como tinha succedido com as antecedentes, as relações entre uns e outros haviam esfriado, em virtude de uma conversa da hospeda com uma visita e escutada pelas frestas da porta por D. Elvira, em que esta era apodada de «nova rica, solteirona incorrigivel e histerica insupportavel».

D. Elvira, depois da visita sair, foi, muito alvoroçada, bater com os nós dos dedos na porta da hospeda, a gritar com azedume:

—O' D. Clotilde! D. Clotilde!

A outra, de genio picado das bengas, atirou-lhe com a porta na cara, e desde então a tragedia dos nervos da D. Elvira recommçou, e com á

tragedia, um combate de agressões as refeições, as vezes que a hospeda em que as saídas, a hora de deixar, cortava o cabelo á Garçonne, eram objecto duma critica mordaz e persistente.

Ultimamente, as coisas azedaram-se mais e D. Elvira, por uma exigencia de oitenta centavos na conta da luz, que a outra não quiz pagar, cortou-lhe a electricidade e, com modo aggressivo, convidou-a a procurar casa.

A hospeda não quiz sair; e como uma desgraça nunca vem só, num belo dia, a campainha electrica da porta da escada retinia tragicamente e um agente da policia administrativa ya inquiria da D. Elvira pelo seu «luro de hospedes».

D. Elvira, enfiada, palida e tremula, respondeu que «não tinha hospedes, que as divisões da sua casa estavam todas ocupadas por pessoas de familia». Mas a hospeda, que passava no corredor, assomou á porta, informando o agente que «não só era hospeda, pagando trezentos escudos, como tambem tinha um despezo enorme com petroleo, estava sem agua no autoclismo, nem luz na escada, no corredor e na cosinha».

Foi o fim do mundo!

A. D. Elvira quiz atirar-se á hospeda e a hospeda classificou-a com uma complicada escada de epithetos, desde malcriada a fujia sem vergonha.

D. Elvira, obrigada a pagar uma pesada multa e desgostosa «pelos azares da sua vida», pôs escritos. E, abandonando as «Avenidas Novas» — seu sonho encantado transformado em pesadelo, voltou para Alcantara.

E, com os cinco contos do trespassse, que estavam a render juros na Caixa Geral dos Depositos, montou uma capelista, onde, a par dos carrinhos de linhas, tabaco francês e botes de rapé, vendia camisas de riscado para homem e expunha, na montra, as suas criações aprimoradas de chapéus elegantes...

T. les Copie.

Elevador da Gloria

Outro conto judaico. Abraão enriqueceu durante a guerra. Tem milhões, vastas propriedades, mas carece de relações sociais. E' a unica sombra que ha na sua vida. Pede conselho a um dos amigos, aristocrata autentico.

— Duas coisas te faltam para seres admitido na sociedade: um automovel e um cavallo de corrida.

Abraão segue o conselho. Compra um 80 HP., de seis cilindros, dos mais luxuosos, e um cavallo de fama, que lhe custa três contos de réis.

O cavallo, que ele baptisa de *Relampago*, destina-o ele ás corridas da Marinha.

Porém, poucos dias antes das corridas, o *jockey* encontra o animal morto, na estrebaria. Abraão fica desesperado. O golpe é rude. Mas, como verdadeiro filho de Israel que é, não tarda em reagir. A' noite vai ao seu club.

—Tenho uma novidade de sensação a dar-lhes — diz Abraão aos amigos.

—Minha mulher, por motivos de familia, exige que as minhas cores não apareçam no hipodromo. Em vista disso, vendo o *Relampago*, melhor, vendo-o.

«Já aqui trago as rifas. Pouco dinheiro. Cem mil réis cada uma. Asseguro-lhes que aquele que ganhar fará um bom negocio.

Em poucos minutos, fica sem uma unica rifa. Imediatamente se realiza a lotaria, indo cair a sorte num dos seus amigos predilectos — Levy. Na manhã seguinte, Levy aparece em casa de Abraão, que se apresenta muito consternado e succumbido.

—Ah! não calculas!... Acabo de sofrer um enorme desgosto. O *Relampago* morreu esta madrugada, vitima duma embolia. Mas tu não perdes nada. Aqui tens os cem mil réis que te custou a rifa e não falemos mais neste doloroso assunto.



—Busco ou corpo inteiro?
—Busto! busto! Mas sobretudo que não deixe de ficar o boné e a bola.



—Maria, assim não pode ser. Você hoje demorou-se mais de três horas na rua.



—Desculpe, minha senhora, mas tive de ir a um sitio onde não se pode mandar ninguem.



—Malcriada!
—Ora essa, fui tirar o bilhete de identidade!

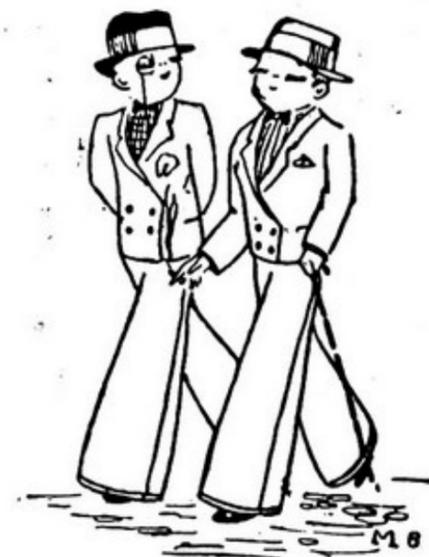
UMA VINDA Á CAPITAL

Cheguei ontem á capital, depois de sete anos de ausencia num lugar recondito da provincia. Achei-a mudada. Muiitissimo mudada mesmo, e civilizada duma forma bastante bizarra.

Cheguei no rapido das duas e, ao desembarcar no Rossio, dei de cara com dois meninos de cara de elefante e jaqueta, qu me disseram tais barbaridades que deixei cair as malas com que vinha atravancado!

Mais adiante, acercou-se de mim um rapaz, que depois averigui ser rapariga, e que entre duas fumaças dum cigarro me repetiu pouco mais ou menos o que os tais meninos me tinham dito!! Deixei cair segunda vez as malas e corri a procurar um hotel que graças a Deus depressa encontrei.

Ao outro dia, depois de comer um jantar que não percebi o que era, pois o *menú* era todo escrito em francês, chegando por acaso á janela palitando os dentes, vi com espanto um pobre policia de capacete africano, a assar numa grelha a fogo lento!! Cal-



culando que fosse alguma execução, meti-me para dentro horrorizado e censurando amargamente o Governo, que tão horrorosa morte dava aos criminosos! Dei tambem toda a razão ao pobre guarda em usar capacete, pois aquela temperatura devia ser pior que debaixo do Equador!

Daí a bocado, fui espalhecer um pouco, tanto mais que estava um noite linda, e a primeira coisa que vi foi um policia a dirigir uma quadrilha dançante, composta de pessoas e veículos, ao som de apito e com um capete na mão, que achei grosso de mais para batuffá, mas que julguei ser para castigar quem não executasse bem os passos da dança!

Julguei estar numa terra de pretos e quando vi mais policias com capacetes... tive a certeza. Ao voltar uma esquina, depois de ser quasi atropelado por uns poucos de autos ao mesmo tempo, fui atacado por um enxame de garotos que me perguntavam se queria engraxar as botas. Perguntei-lhes se eles tinham alguma coisa com isso e eles, chamando-me *binbo*, afastaram-se, troçando de mim!!

Nótra rua encontrei quatro meninos iguais aos da noite anterior: fugi com medo e eles, vendo a minha attitude, dngosamente, numa voz meliflua, disseram:

— Louquinho! Anda cá, não tenhas receio!...

Afastei-me com os cabelos em pé e notando um acento estranho na voz destes rapazes.

Parto amanhã no primeiro comboio; estou farto de raparigas que fumam, de rapazes dengosos e de garotos que nos atacam em plena luz do dia! Livra!!!

Miguel Bombarda, filho.

Bortes grandes?
só o **PINA** as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

TAC-TAC-TAC

O homem que punha ovos

Esta historieta não vem nada a propósito dos tempos que vão correndo, mas tambem é certo que não ha nestes tempos propositos nenhuns, nem bons nem maus: — é tudo despropósito.

E é exactamente porque vivemos na epoca dos despropositos que eu vou contar esta historia.

Havia em Napoles, no tempo dos Papas-reis, um pescador de aguas turvas que mal lograva auferir da pesca o magro sustento do seu lar, composto por ele proprio e por Josina, sua mulher.

Josina era de natureza rabiosa e tinha um estomago perfeitamente de avestruz — engulia tudo quanto a jorna do Agapito, seu consorte, representava de valor alimentar. De fórma que o pobre pescador passava o que vulgarmente se diz fome de rabo. Isto apesar de viver em Napoles, que é terra de muita abundancia.

De maneira que, para comer alguma coisinha, via-se obrigado a esconder o que podia e encontrava á mão. Assim ia o triste vivendo de alimentos mais que metaforicos, enquanto Josina, gulosa e beata, se alambazava com os melhores bocados, lembrando amiudadas vezes ao marido que «nem só de pão vive o homem».

Agapito concordava. E, assim que pilhava um naco ao seu alcance, lançava-lhe a dentuça, costumando dizer de si para si: «Pois, lá sem ele, é que ninguém vive!» Nunca a assanhada megêra o apanhara a subtrair do ganho algum pataco para o alimento clandestino e assim o lar ia vivendo manso como um lago sem rãs nem patos bravos.

O Diabo, porém, tece-as ás vezes. E, uma tarde, quando Agapito entrava no tugurio, um tanto ou quanto quente pelas libações com que os amigos o haviam mimoseado, ao dar um *bórdó*, desequilibrou-se e deixou cair ao chão, esmigalhando-se, qualquer coisa que alastrou pelo soalho.

Josina, num repelão, pegou na candeia e examinou o estranho corpo caído. Era um ovo esborrachado.

— Ladrão! — gritou ela furibunda. — Roubaste-me o dinheiro para comprares um ovo, enquanto eu, pobre de mim, como macaroni...

— Per Dio! — jurou Agapito. — Não compreí esse ovo. Juro-o *per la Madonna!*

— Excomungado, que juras falso! Então onde o encontraste? Por certo que o roubaste a alguém...

Então Agapito, confuso e desvairado, confessou:

— *Bella Arregaza!* Vou contar-te toda a verdade. Perdôa-me, se nunca t'ò disse; mas eu tinha vergonha... Esse ovo pu-lo eu ainda agora. Eu ponho todos os dias um ovo...

— E que fazes dos ovos que pões todos os dias? — interrogou Josina, interessada.

— Como-os, porque tenho fome. — murmurou vagamente o pescador.

— Pois, daqui por diante, tens que me entregar, todos os dias, o ovo que puzeres! — sentenciou Josina perentoriamente.

Agapito deixou-se cair anquiado sobre o escabelo daquela triste quadra.

Josina tentava aproveitar o ovo esborrachado. Agapito, encostando a

fronte ás mãos calosas, meditava na inanidade das grandesas humanas.

Mas, enfim, resolveu-se. E, a partir desse nefasto dia, todas as tardes entregava á consorte o ovo que puzera.

Chegara a Quaresma e Josina foi confessar-se. Muito tempo resistira á tentação de contar ás visinhas que o seu homem punha um ovo todos os dias. Mas já não podia mais! Aproveitou a confissão para desabafar. Mas como, na ocasião, temesse que o frade lhe perguntasse quem o comia e assim fosse forçada a passar por gulosa e egoista, quando falou do caso, disse assim:

— Saiba vossa reverendissima que o Agapito põe dois ovos todos os dias. — Que me diz, penitente? que me diz?...

— A verdade, padre: o Agapito põe dois ovos todos os dias.

O padre enguliu em seco. Dada a absolvição e, como já fossem horas, foi-se ao refectorio para o sobrio repasto monacal.

Dado o sinal da conversa, que se depois das orações é permitida, Frei Emplastro anunciou:

— Grande novidade ha neste burgo de Napoles, irmãos.

— Pois que é? — interrogou o guardião.

— E' reverencia que em Napoles ha um homem que põe ovos todos os dias...

— Quantos? Quantos? — perguntaram de todos os lados os fradinhos curiosos.

Frei Emplastro hesitou um momento; depois, sem saber como, respondeu:

— Põe o homem três ovos por dia.

O guardião levantara-se de subito.

— Vou comunicar o caso ao geral — anunciou. E partiu.

...

Por volta da Pascoa, Agapito concertava, á porta do casebre, uma velha rede, gosando deliciado o sol de Abril, quando um archeiro papal, a cavalo, estopou á sua frente.

— Agapito, pescador... — perguntou o legionario.

— Eu sou! — respondeu-lhe o Agapito.

— Ordem do Papa para me seguires a Roma, onde, no castelo de Sant'Angelo, a santidade quer falar-te. Salta para a garupa, que até ele te conduz.

Agapito assim fez.

Pelo caminho, ia a malutar, apreensivo. Que diabo lhe quereria a santidade?...

A' porta de Sant'Angelo, foi recebido por um guarda-mór, que logo o conduziu á presença do Pontifice.

— Mandei-te vir até mim — disse lhaque — porque és um das mara vilhas do mundo. Mas quero que me expliques como é que pões 300 ovos por dia...

O pobre Agapito viu-se zozno para explicar que só punha um e, esse mesmo, com que dificuldades!...

O Papa riu-se, bonacheirão, e, á saída, batendo-lhe nas costas, disse numa confidencia:

— O cardeal-secretario só me disse 299. Mas eu tambem achei melhor dizer 300...

Cirano de Velhofrac.

!! Não queira ficar assim !!

USE A **VITELINA-VITERI**

TONICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 8800

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84, 1.º D.-Lisboa



BOM HUMOR

— Todos os medicos que me tem examinado emitiram diagnosticos diferentes.

— Não chegaram nunca a um accordo?

— Chegaram! Pediram-me um conto de réis cada um...

Na escola:
O professor: — São horas de vir para a escola?

O aluno: — Tem razão, mas como os meus pais estavam jogando a pancada, esperei um bocadinho para ver quem ganhava...

— Porque se casou com a mãe, em vez de se casar com a filha, que é muito melhor?

— Ora... Para não ter uma sogra...

O professor: — Se tivesses dez batatas para três pessoas, o que fazias?
O aluno: — Um puré de batatas...

O director: — João, decidi dar-lhe mais uma libra por mês.

João: — Não podia dar-me um documento comprovativo?

O director: — Como? Não basta a minha palavra?

João: — Não é para mim. E' para a minha mulher, que esperava que o senhor me aumentasse duas libras.

Ela: — Aquele rapaz não tem espirito. Enquanto esteve conversando comigo só disse coisas estupidas.

A amiga: — Não admira. Passou todo o tempo a falar de ti...

— Falam em aumentar a jornada das oito horas.

— Isso vai ser um sarilho. Tu não podes dormir mais de oito horas na officina...

Joana: — Julgo que está disposto a casar comigo, mas quer saber o dote que tenho.

Alice: — E' muito natural. Quer o seguro de vida antes do incendio...

A criada: — Doutor: olhe as nossas roseiras estão cheias de botões...

O medico: — Está bem, Maria. De-lhes um depurativo...

Semana Santa e leira em Sevilla

A C. P. fará o serviço especial combinado com a Empresa Automobilista Internacional, por ocasião destas festas.

Os bilhetes de ida e volta serão a preços reduzidos, e validos, na ida, de 28 de Março a 29 de Abril, e, no regresso, até 25 de Abril.

Os preços, em 1.ª classe, serão: de Lisboa a Sevilla, Esc. 12575 e Pesetas 30; em 2.ª classe, Esc. 9330 e Pesetas 30. O preço total dos bilhetes é cobrado em moeda portuguesa.

E' concedido a cada passageiro o transporte gratuito de 30 quilos de bagagem.

O serviço de comboios rapidos será diario, sendo a partida de Lisboa ás 8 da manhã e chegada a Vila Real ás 15.36. A partida de Vila Real será ás 16 horas e a chegada a Lisboa ás 23.30. Estes comboios têm sobretaxa de velocidade.

Nestes comboios ha serviço de restaurante. Para as condições restantes, ver o cartaz anunciador.



— Trago-te aqui um bebé.
— Mas tu estás louco?
— E' para nos mascararmos, mulher.



Um modelo de critica de «foot-ball»

Acabou a segunda volta do campeonato de Lisboa, em football. Acabou... sem acabar...

E foi um campeonato cujo resultado, até agora, só teve o condão de agradar aos tesoureiros do Benfica e do Sporting...

Se a final se realiza em duas mãos, como parece logico, tratandose dum campeonato em duas poutes — os dois finalistas devem, desta vez, realizar *de facto*, as suas novas instalações. E escusam de ir á Sociedade das Nações buscar agréments para empréstimos externos. Bastalhes anunciar de vespera, que o Sporting comprou o Vitor Silva, ou que o Benfica distribuiu libras em ouro a todos os arbitros nacionais.

O réclamo é a base do negocio...

* * *

Chegaram ante-ontem os argentinos aspirantes a olimpicos.

Se a fama não é exagerada e os homens se equivalem aos uruguayos, o proximo encontro Portugal-Argentina vai ser um autentico *tango*...

* * *

Nos *matches* de domingo passado registaram-se os seguintes *scores*:

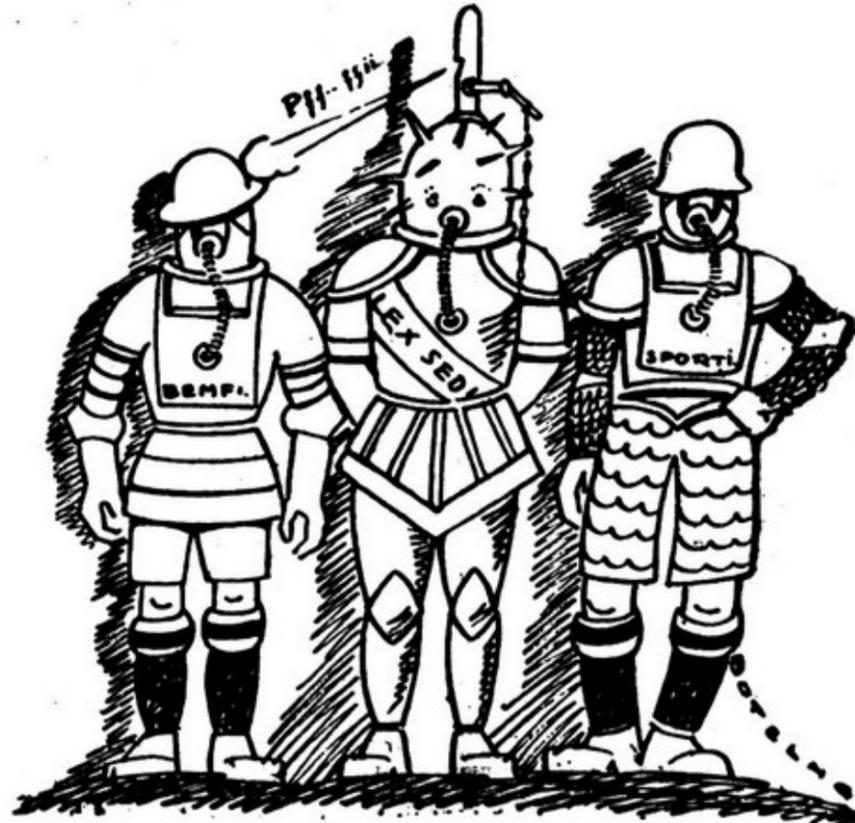
Benfica-Casa Pia, 2 a 0.
Sporting-Imperio, 2 a 0.
Carcavelinhos-Bom Sucesso, 2 a 0.

E, em quartas categorias, o Casa Pia ganhou a competição batendo o Benfica por 2 a 0.

Decididamente, o meu merceeiro tem razão. Isto de football é uma grande pouca ergonha. Os resultados ficam combinados e assentes, de vespera...

* * *

Muita gente critica as criticas e os criticos. E, realmente, ás vezes aparecem nos jornais uns relatos



Como se apresentarão no Campeonato Alfacinha os jogadores e o «refree» no desafio final.

que, sem exagero, podem classificar-se de *perfeitamente idiotas*. Mas, todas elas ficam a grande distancia do exemplar que damos abaixo e de que tem historia...

Ha uns seis anos dirigia o autor destas linhas a pagina de football de *Os Sports*, edição de *A Capital*. E, numa segunda-feira, surgiu, pelo correio, e devidamente assinada, a critica que reproduzimos e que, aliás, ninguem encomendara. Acentuemos que ela se refere a um desafio de terceiras categorias entre o Chelas e o White Star—e que o autor, cujo nome fica no tinteiro, foi já

director da Associação de Football de Lisboa!!!

Segue o *mimo*, com a ortografia original:

«Dignissimo senhor redactor do Jornal «O Seporta»

Venho por este meio pedir-lhe para me publicar o seguinte resultado do desafio de hontem entre o Chelas e o Ditstait em terceiras categorias.

A's 13 horas alinharam-se os dois teams. Cabe a bola de saída ao Chelas, desenrola-se um desafio energetico de parte a parte, sempre um

bombardeamento sobre as redes do Ditstait sem resultado algum.

Depois aos 20 minutos de jogo dando uma fugida sobre as redes do Chelas dando o resultado de a primeira bola contra o Chelas. Depois continuou o jogo com uma energia de parte a parte dando a ponta direita do Chelas uma das suas fugidas que deu resultado de o fora de centro arrematar a sua primeira bola, e deu resultado de acabar a primeira parte por um empate.

2.ª parte cabe a bola ao Ditstait carregando sobre as redes do Chelas sem resultado algum, aliviando o beque direito que foi um dos melhores homens da tarde. A segunda bola foi resultado dum pontapé do ponta direita ao centro.

3.ª bola contra o Ditstait foi dum canto esquerdo que deu o resultado de o fora de centro arrematar.

De seguida a energia do Chelas foi sempre em cima do Ditstait que deu o resultado da 4.ª bola.

Ouve uma recarga sobre as redes do Ditstait do seu guarda redes fazer tres defesas seguidas. Que uma deu resultado de a ponta direita dando uma recarga valentemente, o guarda redes levar um pontapé no rosto que se foi curar ao Hospital da Marinha. Terminando o desafio com o seguinte resultado por 4 bolas a 1.

Dos melhres homens do Chelas foi beque direito e beque esquerdo. Dos alvos foi alvo direito. Da linha de foras foi mela direita e ponta direita que é um dos homens de categoria superior.

Do Ditstait os melhores homens foi o guarda redes, beque direito e beque esquerdo. Da linha de avançados foi ponta esquerda e mela esquerda que conduziam muito bem.

A arbitragem do arbitro foi pelo direito.»

Rebola-A-Bela.

UMA APOSTA



Um freguez — O que disser a maior mentira não paga nada.



Taberneiro — Eu não deito agua no vinho.
Freguezes — Ganhou você..



Os cysnes da Vintner's Co. de Londres afogando-se no melhor vinho de Carcavelos